

4468

ÍNDIGENAS

Caingangues invadem terreno

Índios ocuparam área em Salto do Jacuí

VERONICE MASTELLA
Correspondente/Salto do Jacuí

Um grupo de cerca de cem índios caingangues invadiu um terreno da prefeitura de Salto do Jacuí, na região do Alto Jacuí, para reivindicar a demarcação de uma área de 48,7 mil hectares. Como nas invasões organizadas pelos trabalhadores rurais sem terra, o grupo armou barracas na área. Os caingangues prometem só sair do local quando a Fundação Nacional do Índio (Funai) publicar no Diário Oficial a portaria que cria uma comissão encarregada de efetuar o laudo antropológico e fundiário da área reivindicada. Ela se situa nos municípios de Salto do Jacuí, Espumoso e Tunas. O índios chegaram ao local na noite de segunda-feira.

Conforme o líder do grupo, Abílio Padilha da Silva, 34 anos, residente em Cruz Alta, os verdadeiros donos das terras são cerca de 800 famílias caingangues espalhadas em diversos municípios do Alto Jacuí e da Região Metropolitana. O processo de expulsão das famílias teria começado no início do século passado. Silva diz que hoje a maioria vive nas periferias das cidades. "Nossa briga não é contra os atuais ocupantes dessas áreas, mas contra o Estado que permitiu escrituração das terras", salienta Silva.

O terreno invadido pelo grupo tem 2,5 hectares e está situado ao lado do prédio da Câmara de Vereadores, onde o prefeito do município, Acélio Muratt (PMDB), planeja construir um complexo esportivo e de lazer. Até a tarde de ontem, Muratt não havia encaminhado à Justiça o pedido de reintegração de posse do terreno. "Antes, pretendo conversar com eles para verificar por quanto tempo pretendem ocupar o local", explica o prefeito.

Os caingangues alegam que, em negociações anteriores, a

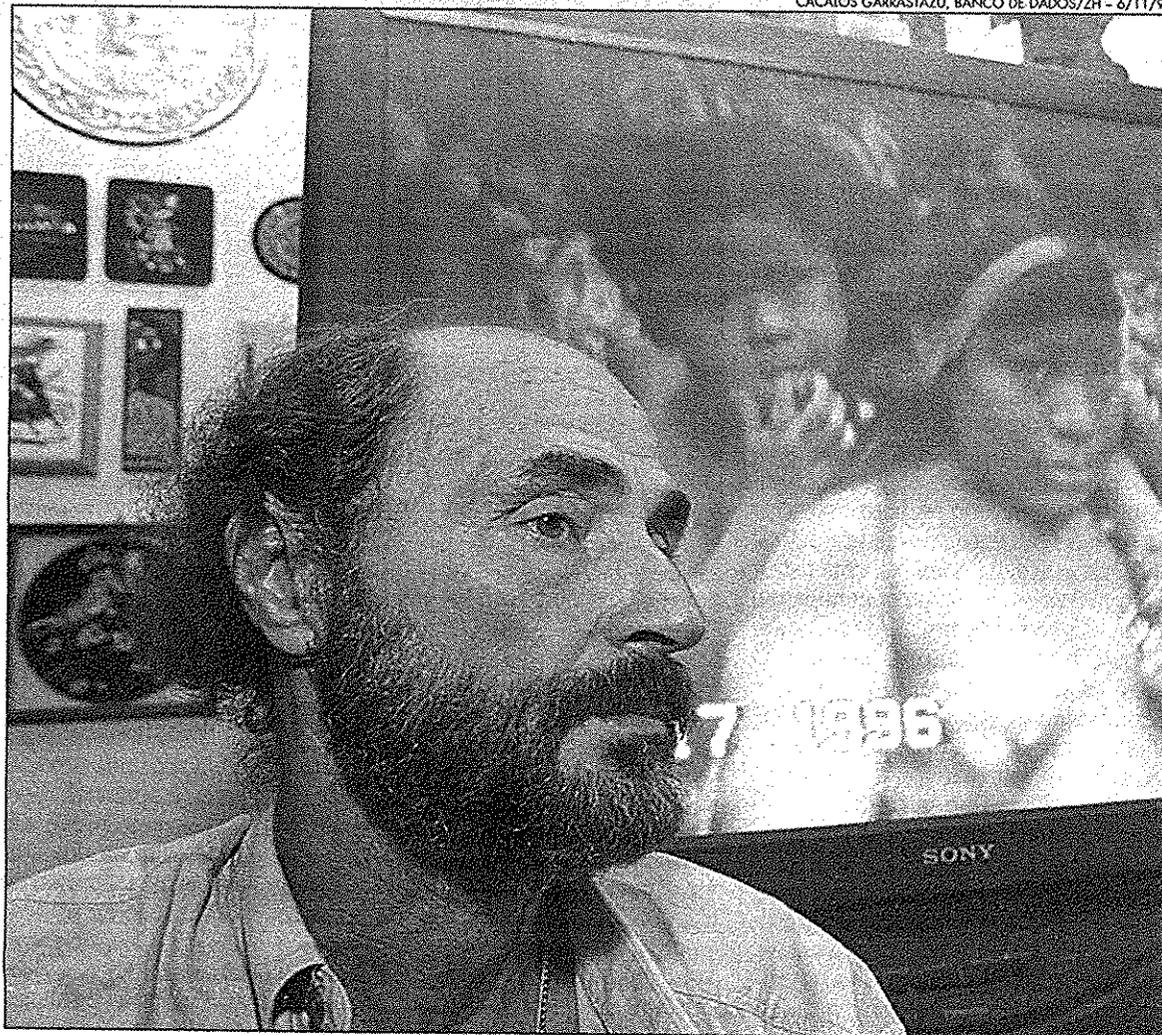
Funai teria se comprometido a publicar a portaria, considerada pelo grupo como o primeiro passo para que tenham suas reivindicações atendidas. "Por 10 anos, esperamos em casa que a Funai tomasse medidas para demarcar a área", diz Silva. "Como nada foi feito, resolvemos adotar outras formas de luta."

Questões burocráticas da Funai estão impedindo o início dos trabalhos do grupo que irá estudar a possível demarcação da área de 48,7 mil hectares reivindicada pelos índios caingangues no norte do Estado. O administrador regional da Funai, Glênio Alvarez, diz que a portaria será publicada nos próximos dias para que comecem a ser feitos os estudos sobre a possível demarcação da área.

Os caingangues reivindicam a demarcação de uma reserva com 48,7 mil hectares

O acordo com os indígenas previa para o último dia 25 o início das pesquisas, mas a Funai resolveu elaborar uma nova portaria detalhando melhor os estudos que serão realizados.

Alvarez adianta que os recursos para o trabalho já estão na administração da Funai de Passo Fundo. Até mesmo os veículos a serem utilizados já foram locados para o serviço. O grupo que fará o trabalho é composto por seis pessoas — dois deles antropólogos. Em média, um laudo como o que será feito leva seis meses para ficar pronto. Depois, o levantamento passa pela avaliação da presidência da Funai e do Ministério da Justiça até a homologação pelo presidente da República. "Não há data definida para o processo ser concluído", diz Alvarez.



Defesa: o sertanista Possuelo diz que os korubos estão apenas tentando se proteger das agressões

Sertanista volta à região dos korubos

MIRIAN GUARACIABA
Sucursal/Brasília

Raimundo Batista Magalhães, o Sobral, 45 anos, paraense, pai de dois filhos, tinha 17 anos de serviços prestados à Fundação Nacional do Índio (Funai) no seio da floresta amazônica. Especializou-se em expedições do Departamento de Índios Isolados, comandado pelo sertanista Sidney Possuelo. Sobral foi enterrado ontem em Altamira, no Pará, depois de ser vítima de um ataque de um pequeno grupo de korubos, índios desconhecidos que vêm sendo contatados pela Funai. Sobral estava na região da aldeia dos korubos, no Vale do Javari, no Amazonas, há mais de um ano, desde o primeiro encontro com a tribo. Ele morreu com o crânio esfacelado a cacetadas.

No ano passado, durante o processo de aproximação, os korubos mataram duas pessoas. Entre sertanistas e funcionários da Funai, oito homens tombaram desde a localização desses índios, em 1976. Sobral morreu ao atravessar o Rio Ituí para o 30º encontro com os korubos. Estava acompanhado por outros quatro funcionários da Funai, que escaparam atirando para o alto.

Os funcionários permanecem na área do conflito. "Não vamos desmobilizar esse pessoal porque a reserva e os índios sofrem constantes ameaças", disse ontem Possuelo a Zero Hora, por telefone, de Tabatinga, fronteira com a Venezuela. A equipe da Funai está confinada em dois barcos posicionados

na confluência dos rios Ituí e Itacoai. "Preciso de mais homens para a tarefa de proteger uma área de 8 milhões de hectares", apela Possuelo.

Na reserva, os korubos convivem com outras etnias. "Eles sabem pouco dos brancos, a não ser que significam perigo", interpreta Possuelo. O sertanista lamentou o assassinato de Sobral, mas diz que os funcionários da Funai também representam risco para os índios. Possuelo critica os que classificam os korubos como violentos e agressivos. "Eles estão sendo agredidos por pessoas sem escrúpulos, que exploram a reserva indígena, e a morte é sua única vingança", explica.

Os korubos vivem isolados numa área da Amazônia Legal, na fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru. A aproximação tornou-se inevitável por causa da invasão de madeireiros na região habitada pela tribo, rica em mogno e cedro. "Fizemos contato porque precisamos protegê-los dos invasores", justifica Possuelo, uma das maiores autoridades do mundo em grupos indígenas isolados. Ele acredita que existam outras tribos korubos espalhadas pela floresta, mas correndo menos risco porque estão mais distantes da civilização.

A aldeia encontrada por Possuelo fica muito perto das cidades de Atalaia do Norte e Tabatinga. "Só por isso contatamos os índios", explica Possuelo. A filosofia implantada pelo sertanista é de evitar a aproximação com índios isolados, tentando apenas localizar os grupos, identificar suas terras, demarcar a área e deixá-los em paz.